

**Universidade do Estado de Santa Catarina**

**Série ANAIS**

**3º Seminário de  
Pesquisa e Pós-Graduação  
em Ciências da Administração  
e Socioeconômicas**

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

Editora Udesc

**PROJETO GRÁFICO**

Bruna Costa

**CONSULTORIA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

Mauro Tortatto

Bruna Costa

**CAPA**

Mauro Tortatto

---

S471 Seminário de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências da Administração e Socioeconômicas (3. : 2018 : Florianópolis, SC) / Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação em Administração. Comissão Organizadora: Rafael Tezza, et al.

Anais / III Seminário de Pesquisa e Pós-graduação em Ciências da Administração e Socioeconômicas, 04 e 05 de setembro em Florianópolis, SC. – Florianópolis, UDESC/PPGA, 2018.

ISBN: 978-85-8302-159-9  
Inclui bibliografia.

1. Pós-graduação. 2. Administração – Pesquisa. I. Tezza, Rafael. II. Sagaz, Carla Amarilho. III. Becker, Lizandra Corrêa. IV. Veiga, Carolina Palma Camargo da. V. Belotti, Marina Nogueira dos Santos. VI. Marcon, Rosilene. VII. Trierweiller, Andrea Cristina. VIII. Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Administração e Socioeconômicas.

CDD: 378.1553 – 20. ed.

**UMA ABORDAGEM  
COMPLEXA PARA O  
EMPREENDEDORISMO  
COMO COMPONENTE  
CURRICULAR NO ENSINO  
FUNDAMENTAL**  
(Artigo)

**Eduardo Janicsek Jara**  
(jaraedujara@hotmail.com)

**Martha Kaschny Borges**  
(marthakaschny@hotmail.com)

**Giovana Silva Ribeiro**  
(giovanasilvaribeiro@hotmail.com)

**Palavras-chave:**

Empreendedorismo;  
ensino;  
extensão;  
criança;  
escala.

**Resumo**

O ensino de empreendedorismo vem sendo proposto como projeto de lei a partir de diferentes propostas. Independentemente da esfera de governo, percebe-se que o tema aparece na pauta de reformas educacionais atribuindo ao empreendedorismo um ponto importante a ser trabalhado nas escolas. Todavia, não há clareza sobre de que forma e o que se pretende ensinar de empreendedorismo, tampouco de uma abordagem apropriada a crianças do Ensino Fundamental. Ao identificarmos diferentes definições sobre o mesmo assunto e distintas escalas que se propõem a mensurar atitude ou orientação empreendedora, percebe-se que o tema carrega consigo uma complexidade de interpretações e abordagens. Este trabalho apresenta o histórico recente de projetos de lei que envolvem o tema empreendedorismo nas escolas, bem como as definições e escalas que se propõem mensurar aspectos empreendedores, sinalizando possibilidades de formas de ensino de empreendedorismo nas escolas, a partir de experiências realizadas via extensão universitária com crianças do Ensino Fundamental.

## 1. Introdução

Atualmente está em tramitação no Senado Federal o Projeto de Lei 772/2015, que pretende incluir o tema do empreendedorismo no currículo da Educação Básica (BRASIL, 2015). Em um contexto municipal, em Florianópolis, o Projeto de Lei Municipal nº 17.023/2017 em tramitação na Câmara de Vereadores, de autoria do Vereador Miltinho (DEM), dispõe sobre a inclusão de conteúdo sobre empreendedorismo nas disciplinas dos currículos das escolas municipais. Anteriores a estes projetos que hoje tramitam em espaços legislativos distintos, os projetos apresentados no Congresso Nacional PL 4182/2012, de autoria de Giovani Cherini (PDT/RS) proposto em 11/07/2012 que buscava instituir a “Política Nacional de Empreendedorismo, a ser desenvolvida em todas as escolas técnicas e de nível médio do território nacional”; o PL 4184/2012 do mesmo Giovani Cherini (PDT/RS), que visava “alterar a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para estabelecer o empreendedorismo como um dos objetivos da educação nacional”, bem como o PL 545/2015, de autoria da Deputada Hissa Abrahão (PPS/AM), incluído na pauta da casa legislativa em 03/03/2015, que propunha “acrescentar parágrafo ao artigo 26 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para adicionar aos currículos escolares o tema Educação Empreendedora”, foram todos arquivados no dia 01/12/2016. A proposta nacional que segue em tramitação, com última atualização verificada em 05/12/2017, está sob vistas da relatoria na Comissão de Educação, Cultura e Esporte (Secretaria de Apoio à Comissão de Educação, Cultura e Esporte). O PLS 772/2015, de autoria do Senador José Agripino (DEM/RN) propõe o seguinte:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), para dispor que os currículos do ensino fundamental, anos finais, e do ensino médio incluirão o empreendedorismo como tema transversal. Inclui, ainda, a orientação para o trabalho e para o empreendedorismo como diretriz dos conteúdos curriculares da educação básica e, por fim, estabelece como finalidade da educação superior o estímulo ao empreendedorismo e a inovação, visando à conexão entre os conhecimentos técnicos e científicos e o mundo do trabalho e da produção. (BRASIL, 2015)

Há claramente, no teor deste Projeto de Lei uma “orientação para o trabalho” bem como para “o mundo do trabalho e da produção” o que não pode ser o objetivo fim do ensino, principalmente

se pensarmos em termos do Ensino Fundamental. Evidentemente que questões de caráter profissionalizante devem estar presentes no Ensino Médio e Técnico, mas a questão do ensino para crianças do ciclo fundamental deve ser repensada com outro viés. Todavia, não se trata de excluir o tema empreendedorismo nas escolas apenas se discordarmos do aspecto tecnicista e voltado ao mundo do trabalho. Isto porque o conceito de empreendedorismo não está bem delimitado e pode ser abordado de diferentes maneiras.

Faz-se necessário saber que há variações de propostas de lei que atribuem um caráter não exclusivo ao mundo do trabalho quando o assunto é ensino de empreendedorismo nas escolas. É o que podemos perceber no Projeto de Lei Municipal nº 17.023/2017 em tramitação na Câmara de Vereadores, de autoria do Vereador Miltinho (DEM), que “dispõe sobre a inclusão de conteúdo sobre empreendedorismo nas disciplinas dos currículos das escolas municipais de Florianópolis e dá outras providências” (CMF, 2017). Nesta proposta, cuja última atualização consta em 18/05/2018, estando sob vistas na Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara e Vereadores de Florianópolis, pretende-se que a rede municipal de ensino inclua nas disciplinas dos currículos escolares o conteúdo sobre empreendedorismo, ressaltando que:

Entende-se por empreendedorismo o aprendizado pessoal que, impulsionado pela motivação, criatividade e iniciativa, capacita para a descoberta vocacional, a percepção de oportunidades e a construção de um projeto de vida. (CMF, 2017)

Compreender o empreendedorismo como tema não exclusivo ao mundo do trabalho é fundamental para sua inserção no Ensino Fundamental como tema transversal, em uma realidade onde as crianças que hoje ocupamos espaços escolares têm características peculiares. Atualmente não há possibilidades de encontrarmos crianças passivas que apenas registram os conteúdos de sala de aula de forma apática e descontextualizada. O que se percebe é justamente o contrário, as crianças do Ensino Fundamental participam de maneira ativa e influenciam na construção da sociedade moderna, pois “não estão aquém da realidade e se modificam tanto quanto os sujeitos adultos com as mutações da modernidade” (BORGES e AVILA, 2015, p107). Nas escolas onde os educadores serão desafiados a tratar o tema empreendedorismo “temos jovens aos quais pretendemos ensinar, em estruturas que datam de uma época que eles não reconhecem mais” (SERRES, 2013, p24). Neste

ambiente desafiador, as universidades, em suas ações de extensão universitária, podem contribuir para a discussão do tema empreendedorismo no Ensino Fundamental, aprofundando os debates e a compreensões sobre o assunto, bem como indicando possibilidades de ação, buscando aprimorar uma formação que valorize o conhecimento e a formação substantiva do cidadão, afim de que este possua “uma consciência crítica altamente desenvolvida sobre as premissas de valor latentemente presentes em seu dia-a-dia” (GUERREIRO RAMOS, 2003, p.6).

## 2. Revisão teórica

O Empreendedorismo é um termo de difícil definição, tratando-se de um conceito em constante construção sendo importante não nos limitarmos a uma abordagem unidimensional. Filion (1999), sugere que os economistas associam o empreendedor com inovação enquanto os comportamentalistas focam nos aspectos criativos e intuitivos. Visões distintas não podem ser excludentes, e de acordo com uma abordagem da complexidade, devem ser consideradas complementares. Shane e Venkataraman (2000) definem empreendedorismo como uma área de negócios que busca entender o surgimento de oportunidades para inovação que devem ser exploradas para que se atinjam os efeitos necessários. O processo empreendedor inicia quando se reconhecem oportunidades para algo novo em que as pessoas irão querer ter ou usar e tomar medidas enérgicas para transformar essas oportunidades em negócios, sendo o empreendedorismo:

um campo de estudos que busca entender como surgem as oportunidades para criar novos produtos ou serviços, novos mercados, processos de produção, formas de organizar as tecnologias existentes ou matérias-primas e como são descobertas por pessoas específicas, que então buscam vários meios para explorá-las ou desenvolvê-las (BARON; SHANE, 2015, p. 10).

Atualmente, o empreendedorismo é visto com frequência pela sociedade como algo relacionado apenas a negócios e lucratividade, como podemos perceber em alguns projetos de lei propostos na Câmara Federal. No entanto é importante lembrar que o empreendedorismo possui diversas facetas sociais e humanas, podendo estar relacionado, muito além de aspectos empresariais, à questões de ética e valores humanos, contribuindo para uma racionalidade substantiva que, assim

como aponta Guerreiro Ramos (1989), é guiada por valores sociais e está embasada em pressupostos sociais, que almejam o pleno desenvolvimento das potencialidades do ser humano, evidenciada por posturas éticas, respeitando a diversidade de pensamentos e idiossincrasias. no contexto atual, o empreendedorismo vem sendo associado também, ao conceito de sustentabilidade. Segundo Hargreaves e Fink (2007) o termo sustentabilidade foi utilizado pela primeira vez no início dos anos 80 por Lester Brown. Lester Brown definiu sustentabilidade como a capacidade de se utilizar recursos para satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer a possibilidade das gerações futuras satisfazerem suas necessidades, e o empreendedor deve levar isto em consideração:

Empreendedorismo está associado à inovação e ao crescimento, mas o grande desafio é combinar o empreendedorismo com a inovação e o desenvolvimento sustentável ou mesmo o decrescimento, pois o crescimento econômico nos moldes atuais não é sustentável. (FILION, in BORGES, 2014, pV).

É importante colocar a questão da sustentabilidade em papel de destaque nos estudos e desenvolvimento do empreendedorismo, visto que o correto manejo dos recursos naturais, cada vez mais restritos para as gerações futuras, é uma questão que não pode passar despercebida pelos gestores. “Na perspectiva das políticas públicas, o empreendedorismo sustentável é visto como um dos meios de se viabilizar o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, ambiental e social de cidades e regiões” (BORGES, 2014, p.VII), pois, a criação de uma empresa é apenas um meio de se empreender, ato este que pode ocorrer por diversos outros meios. Nesse contexto, o empreendedorismo, que sempre foi visto como um agente de transformação social, em especial para o crescimento econômico, passou a ser considerado também um veículo que pode colaborar para o desenvolvimento sustentável. Outra questão importante que o empreendedorismo envolve é a constante busca por inovação. Para Schumpeter (1911) a inovação é essencial para o desenvolvimento econômico e pode ser considerada como uma série de novidades introduzidas no sistema econômico que alteram a relação entre consumidores e produtores, uma vez que a inovação a partir do que o autor convencionou chamar de destruição criativa “revolucionaria incessantemente a estrutura a partir de dentro, destruindo incessantemente o antigo e criando elementos novos” (SCHUMPETER,

1961, p.110). Para Osterwalder e Pigneur (2011, p.5) “inovar é criar valor, seja para empresas, clientes ou para toda sociedade”, e este aspecto de inovação não pode estar ausente nas discussões sobre empreendedorismo, assim como uma abordagem que extrapole o conceito de empresas e trate de questões como criatividade e capacidade de realizar ações e assumir riscos. O risco associado à incerteza é peculiar das ações empreendedoras, e está diretamente ligado ao progresso social. O progresso social dá-se por várias etapas e aspectos, sendo que “as fases ou os fatores de progresso mais fundamentalmente e irremediavelmente incertos são aqueles que são essencialmente para o aumento do conhecimento como tal” (KNIGHT, 1964, p.317). No que tange à capacidade criativa do indivíduo, bem como suas ações inovativas, assim como compreende a Comissão Europeia, o empreendedorismo abarca estes aspectos em todas as esferas da vida da pessoa, uma vez que “para o Parlamento e a Comissão Europeia (2005) o empreendedorismo se refere à habilidade individual do indivíduo para transformar ideias em ação” (LOPES, 2017, p.8). Uma vez que as discussões sobre empreendedorismo vêm se perpetuando “com diversos autores apresentando várias contribuições sobre o assunto” (CHIAVENATO, 2012, p.7), pretendemos explorar um pouco mais do perfil empreendedor, tentando compreender melhor as características comportamentais empreendedoras (MCCLELLAND, 1972); Tais aspectos podem ser descritos diretamente, como propõe por exemplo Chiavenato (2012), que indica que as características do empreendedor são basicamente três: a necessidade de realização, a disposição para assumir riscos e a autoconfiança. Todavia, formas distintas de mensurar um perfil empreendedor a partir de escalas métricas de atitudes empreendedoras, potencial empreendedor ou orientação empreendedora vêm contribuindo para identificar características que poderiam estar relacionadas com o tema ensino de empreendedorismo nas escolas. Afinal, qual o objetivo e que competências pretendem-se desenvolver com crianças quando o tema é empreendedorismo?

O artigo seminal de Miller (1983) propôs um constructo para mensurar Orientação Empreendedora de organizações, chegando à indicação de três dimensões que compõem esta orientação. As dimensões propostas por Miller para a Orientação Empreendedora são Inovatividade, Assunção de Riscos e Proatividade. Já na Conferência de Babson de 1988 sobre empreendedorismo, sem fazer uso de escalas de mensuração, apontou-se que

as características do empreendedor emergiam em seis grandes fatores motivacionais para a criação do novo negócio: busca de reconhecimento social, valorização do enriquecimento, busca de contribuir com a comunidade, busca de um desenvolvimento pessoal/profissional, busca de independência e insatisfação com o trabalho anterior (LIMA, 1988). Diversos estudos evidenciam as características do empreendedor, tratando de dimensões distintas com algumas congruências entre os aspectos investigados, e podemos perceber diferentes nomenclaturas como Atitude Empreendedora (Krüger e Minello, 2017), Potencial Empreendedor (Souza et. al., 2016) e Orientação Empreendedora (Lazzaroti, 2015), dentre outras denominação que versam sobre características esperadas de um empreendedor. Cabe destacar aqui que não apenas questões relacionadas à empresas e negócios estão presentes nestes estudos, ficando evidente que o espectro de abordagens para o tema empreendedorismo é amplo, e se refletirmos acerca do que seria o ensino de empreendedorismo poderíamos considerar diversas abordagens distintas sobre o mesmo tema.

Orientação Empreendedora de organizações não se adequam a pessoas. Escalas mais apropriadas para indivíduos podem ser verificadas nos trabalhos de Bolton (2012) e Bolton e Lane (2012), que se propuseram a mensurar a Orientação Empreendedora em Indivíduos (IEO). Estas escalas propostas para mensurar algum aspecto das características empreendedoras, sejam elas denominadas orientação empreendedora, potencial empreendedor ou atitude empreendedora apontam para algumas competências que poderiam ser desenvolvidas no Ensino Fundamental. Todavia, cabe neste aspecto adaptar estas competências ao que de fato se espera do desenvolvimento das crianças em fase inicial de formação. Assumimos aqui a postura de que o caráter lúdico é fundamental neste momento dos estudantes deste ciclo de ensino. Não caberia, portanto, propor às crianças estratégias para construção de empresas, mas não poderíamos de destacar aspectos que devem ser trabalhados desde as fases iniciais da formação dos cidadãos. Mais particularmente aspectos como assunção de riscos e uma cultura de inovação constante são essenciais para a formação dos cidadãos do futuro que buscarão transformar as mazelas sociais evidentes que os circundam. Quando Bolton e Lane (2012) apontam os itens de sua escala para mensurar a Orientação Empreendedora Individual destacamos alguns que percebemos claramente poder ser trabalhados com crianças do Ensino Fundamental, divididas nas dimensões, conforme descrito no Quadro 1:

**QUADRO 1 – Dimensões possíveis de serem trabalhadas com crianças com base nas dimensões propostas por Bolton e Lane (2012)**

DIMENSÃO	ÍTEM
Assunção de Riscos	- Eu gosto de tomar uma atitude ousada ao me aventurar no desconhecido.
	- Eu costumo agir “corajosamente” em situações onde o risco está envolvido
Inovatividade	- Frequentemente gosto de experimentar atividades novas e incomuns que não são típicas, mas não necessariamente arriscado
	- Em geral, eu prefiro uma forte ênfase em projetos em abordagens únicas e únicas em vez de visitar abordagens testadas e verdadeiras usadas antes
	- Eu prefiro experimentar o meu jeito único de aprender coisas novas em vez de fazê-lo como todo mundo faz
	- Eu prefiro experimentação e abordagens originais para a resolução de problemas, em vez de usando métodos que outros geralmente usam para resolver seus problemas
Proatividade	- Costumo agir antecipando futuros problemas, necessidades ou mudanças - Costumo planejar com antecedência em projetos
	- Eu prefiro “subir” e fazer as coisas acontecerem em vez de sentar e esperar outra pessoa para fazer isso

Fonte: Adaptado de Bolton e Lane (2012)

### 3. Procedimentos metodológicos

Os pressupostos de análise e aplicação dos fundamentos metodológicos do ensino de empreendedorismo para estudantes do ciclo fundamental baseiam-se na importância da subjetividade e da experiência compartilhada por indivíduos na construção de significados para situações vivenciadas em decorrência das ações extensionistas oferecidas pela universidade. A partir de um Programa de Extensão Universitária denominado XXX Kids, da Universidade XXX, vêm sendo ofertadas à comunidade escolar, mais precisamente para crianças de 8 a 12 anos, oficinas onde o tema empreendedorismo é trabalhado. Sendo o cerne das ações desenvolvidas nas oficinas XXX Kids propiciar às crianças momentos de vivências com acadêmicos em um ambiente universitário, buscando a criação de algum tipo de vínculo, estabelecendo laços (Granovetter, 1973), é fundamental compreender que ações humanas trarão sentido e significado para as experiências vividas pelos envolvidos nestas ações. Tanto estudantes mirins, quanto acadêmicos e professores participantes das ações, influenciam o complexo sistema de intenções, significados, jogo de linguagens, observações e vivências advindas de uma construção coletiva.

A metodologia de pesquisa utilizada para análise qualitativa de resultados é a etnometodologia. Em seu clássico artigo seminal de 1967, chamado Ethnomethodology, Harold Garfinkel recomenda

que esse tipo de estudo empregado para tornar possível o relato das ações cotidianas organizadas, pressupõe o caráter reflexivo ou “encarnado” destas práticas. Por estar envolvido diretamente com a proposta de apresentar às crianças os temas que serão desenvolvidos nos encontros e nas oficinas, o educador condutor das ações dos encontros XXX Kids, “de cuja habilidade, conhecimento e direito ao funcionamento detalhado daquela realização (sua competência) elas obstinadamente dependem, reconhecem, usam e tomam como dados” (GARFINKEL, 1996 [1967], p.113) é personagem central das ações, alterando de forma direta e inquestionável a percepção dos envolvidos. Segue ainda que, tendo o educador sua competência reconhecida para a condução das atividades, atribui-se a ele o papel de fornecer aos envolvidos e interessados em analisar o caso em estudo, as características específicas e distintivas da situação em si, propondo um programa de investigação microsociológica das estruturas e procedimentos presentes na ação social planejada. Evidentemente que desta forma “os relatos dos membros estão reflexiva e essencialmente vinculados, pelas suas características racionais, às ocasiões socialmente organizadas de seus usos, visto que são características das ocasiões organizadas de seus usos” (GARFINKEL, 1996 [1967], p.114). Assim sendo, a possibilidade de relatar de forma racional as ações práticas desenvolvidas é um ato contínuo e recursivo, ou como proposto por Garfinkel em sua obra seminal, o cerne dos estudos está na

“relatabilidade racional das ações práticas enquanto realização prática contínua”.

Os registros realizados a partir de entrevistas com crianças, educadores, acadêmicos e voluntários participantes das ações são fontes para análise das ações, possibilitando diferentes recortes de investigação. Cabe frisar que os relatos de crianças, gravados em áudio, vídeo, fotos e eventualmente por escrito, são autorizados pelos seus responsáveis em cada ação realizada, a partir de termo de consentimento de uso de imagem para fins acadêmicos e de pesquisa. Uma vez que os relatos dos participantes das ações estão reflexiva e essencialmente vinculados, pelas suas características racionais a estas situações organizadas de forma planejada pela equipe que propõe a ação, estabelece-se inexoravelmente a possibilidade de um estudo etnometodológico. A etnometodologia caracteriza-se como uma abordagem teórico-metodológica de pesquisa empírica que compartilha de pressupostos epistemológicos com os Estudos Baseados em Prática possibilitando ao investigador formas de compreensão dos processos de aprendizagem em organizações (BISPO e GODOY, 2012). Assim sendo, não trata-se de um objeto de estudo meramente observável em sua imobilidade. O que se analisa é algo dinâmico, fruto de uma situação socialmente construída tendo como finalidade não apenas pareceres descritivos e imparciais, mas “uma análise interpretativa desse processo e das propriedades pertinentes a este” (OLIVEIRA e MONTENEGRO, 2012, p.131).

A partir da definição clássica de Etnometodologia proposta por Garfinkel (1967), que faz referência à “investigação das propriedades racionais de expressões indexicais e outras ações práticas como realizações contínuas e contingentes de práticas engenhosas da vida cotidiana” (GARFINKEL, 1996 [1967], p.118), busca-se evidenciar estas propriedades indexicais da fala e do comportamento dos envolvidos na ação. Por serem estas propriedades ordenadas organizacionalmente pelos membros da atividade, que passam a ser caracterizados como “membros de uma mesma cultura”, por vivenciarem experiências de forma coletiva, a racionalidade produzida destas expressões indexicais serão construídas a partir de tarefas práticas, sujeitas ao ambiente em que estão sendo realizadas, em nosso caso específico, o ambiente universitário Acrescentam-se às práticas, também as finalidades inicialmente propostas pelas ações, que visam apresentar aos estudantes mirins possibilidades de planejamento de suas ações futuras, abordando temas como planejamento,

empreendedorismo, inovação, Educação Fiscal, economia criativa, cidadania, sustentabilidade, ambiente universitário, liderança e ética. A hipótese a ser investigada é de que é possível criar metodologia de ensino que desenvolva competências relacionadas ao empreendedorismo, descritas em escalas, como por exemplo a proposta por Bolton e Lane (2012). Desta forma, ferramentas de gestão adaptadas a um formato lúdico contemplando conceitos de planejamento, empreendedorismo, inovação, Educação Fiscal, economia criativa, cidadania, sustentabilidade, ambiente universitário, liderança e ética, são apresentadas as crianças visando aprimorar suas habilidades futuras.

#### **4. Apresentação e discussão dos resultados**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, lei nº 9394/96, foi alterada pela lei 13.174/2015, que incluiu o inciso VIII no artigo 43, ampliando as finalidades do Ensino Superior, destacando como um dos objetivos a serem alcançados:

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares (BRASIL, 1996).

Neste incremento de objetivos a serem alcançados, explicita-se o dever de contribuir para o desenvolvimento da Educação Básica, a partir de atividades de extensão. Neste contexto, o Programa de Extensão Universitária XXX Kids, da Universidade XXX, vem desenvolvendo atividades relacionadas ao tema empreendedorismo, simultaneamente com questões de inovação, educação fiscal, desenvolvimento sustentável, planejamento, educação financeira, dentre tantos outros aspectos. As ações XXX Kids buscam evidenciar alternativas distintas de uma abordagem tradicional baseada na fixação de conceitos e teorias. Poderíamos até falar de um tipo de revolução no método de ensino e aprendizagem, pois uma revolução é “uma espécie de mudança envolvendo um certo tipo de reconstrução dos compromissos do grupo. Mas não necessita ser uma grande mudança, nem precisa parecer revolucionária” (KUHN, 1987, p.225), pois é a partir de pequenas transformações que poderemos alterar um cenário já estabelecido.

Faz-se importante compreender, dentre o amplo espectro que circunscreve o tema empreendedorismo, quais dimensões poderiam ser melhor trabalhadas com crianças do Ensino

Fundamental e, por outro lado, melhor compreender o que versam as leis no que diz respeito aos objetivos esperados e conteúdos relacionados. Poderemos encontrar diferentes vertentes de investigação em relação ao tema empreendedorismo nas escolas, pois somos dotados de “capacidade de identificar esses diversos pontos de vista em relação aos quais podemos representar e interpretar os fenômenos que encontramos na ação” (LE MOIGNE, 1983, p.121). Evidencia-se, portanto, que há diferentes escolas nas ciências que abordam o mesmo objeto de investigação sob pontos de vista incompatíveis (KUHN, 1987), o que fica nítido quando o tema é Ensino de Empreendedorismo nas escolas, e os diferentes textos presentes em projetos de lei.

As características peculiares de uma infância líquida, em conflito com abordagens que visam estritamente o mundo do trabalho, podem inviabilizar tentativas de fomentar o caráter de realização, proatividade, resiliência e criatividade, relacionadas diretamente com uma atitude empreendedora. As ações do Programa de Extensão Universitária XXX Kids da Universidade XXX busca evidenciar formas de abordar o tema empreendedorismo nas escolas, relacionando-o com conceitos já referenciados na literatura e com o desenvolvimento de aspectos associados ao empreendedorismo presentes em escalas que objetivam mensurar características empreendedoras. Outrossim, respeita-se o caráter lúdico, essencial para tratar do tema com o público infantil, desenvolvendo competências para a formação de um cidadão crítico, criativo, com culto ao conhecimento e capacidade de realização, compreendendo que o objeto do conhecimento é a fenomenologia e não a realidade ontológica em si.

Percebe-se entre os estudiosos e entusiastas do tema empreendedorismo nas escolas um paradigma emergente. Ao compreendermos um paradigma como “aquilo que os membros de uma comunidade partilham, e inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma” (KUHN, 1987, p.219), podemos afirmar que pesquisadores que refletem sobre possíveis abordagens entram em conflito quando o assunto é a forma de trabalho, ou até mesmo a compreensão de alguns de que este tema deva ser abolido da pauta nas escolas. Empreendedorismo não é apenas um conjunto de técnicas que fará com que o indivíduo comercialize ideias e ingresse de maneira mais fácil no mercado de trabalho. Tampouco é o acúmulo de saberes teorizados que se destinam exclusivamente à abertura de novos negócios comerciais. Compreender o empreendedorismo

como um amontoado de conceitos poderia encaixar-se em uma espécie de patologia da razão, “que encerra o real num sistema de ideias coerente, mas parcial e unilateral e que não sabe que uma parte do real é irracionalizável” (MORIN, 2003, p.15), pois “a ciência é muito mais ‘fugidia’ e ‘irracional’ do que sua imagem metodológica” (FEYRABEND, 1977, p.278). Devemos encarar o tema Ensino de Empreendedorismo nas escolas de acordo com uma abordagem distinta, exercitando a inteligência da complexidade sem primeiro a reduzir ao respeito das únicas prescrições metodológicas imperativas de um pensamento cartesiano, com o intuito maior de entender a aventura humana pela aventura do conhecimento (LE MOIGNE, 1983). Neste contexto tão desafiador que são as discussões sobre currículo, o desenvolvimento da ciência em relação ao Ensino de Empreendedorismo nas escolas “não se efetuará por acumulação dos conhecimentos, mas por transformação dos princípios que organizam o conhecimento” (MORIN, 1982, p.218).

Compreender que o tema Ensino de Empreendedorismo pode estar associado ao paradigma da complexidade, pois “se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza” (MORIN, 2003, p.3) não deve ser encarado como fator de estagnação nas discussões e forma de agir, pois “a incerteza perturba muitos espíritos, mas exalta outros: incita-nos a pensar aventurosamente e a controlar o nosso pensamento” (MORIN, 1982, p.78). Assim como é possível perceber em muitas ações XXX Kids através de ações de extensão com apoio de acadêmicos voluntários imbuídos do mesmo espírito solidário. O tema empreendedorismo deve ser encarado como uma matriz disciplinar, contemplando além de aspectos relacionados ao mundo do trabalho, também questões que envolvam criatividade, liderança, resiliência, proatividade, educação fiscal, capacidade de realização, inovação, dentre tantas outras possibilidades. Não se trata de uma disputa entre o capitalismo voraz em sua vertente neoliberal e o idealismo que desconsidera questões mercadológicas. Há sim este paradigma estabelecido quando falamos de Ensino de Empreendedorismo nas escolas e “somente aqueles que retiram encorajamento da constatação de que seu campo de estudo (ou escola) possui paradigma estão aptos a perceber que algo importante é sacrificado nessa mudança” (KUHN, 1987, p.223).

O Programa de Extensão Universitária XXX Kids vem realizando em suas oficinas com crianças possibilidades de relacionar sujeitos e objeto de

estudo ao tratar o tema Empreendedorismo no Ensino Fundamental. Não estamos propondo uma epistemologia anárquica, mesmo constatando que algumas evidências “clamam por uma nova terminologia que não mais separe o que se acha tão intimamente ligado, seja no desenvolvimento do indivíduo, seja no da ciência”. (FEYRABEND, 1977, p.26). Tratar do tema Ensino de Empreendedorismo quando o público alvo são crianças do Ensino Fundamental remete á reflexões maiores acerca da formação dos futuros cidadãos e dos valores que pretendemos transmitir a eles. A Extensão Universitária tem papel muito importante neste tema, pois da Academia se espera muito, uma vez que esta ainda é o maior centro de referência para o desenvolvimento da Ciência. As ações Esag Kids se propõem a fortalecer e ampliar a discussão sobre o tema, apontando caminhos possíveis para a aventura do conhecimento, acreditando sobremaneira que “no fim das contas tudo é solidário. Se você tem o senso da complexidade, você tem o senso da solidariedade. Além disso, você tem o senso do caráter multidimensional de toda realidade” (MORIN, 2003, p.68)

## 5. Conclusões

Adaptar o ensino de empreendedorismo é o desafio proposto quando se pretende abordar este temas junto a crianças do Ensino Fundamental. Há em tramitação em casas legislativas municipal e federal Projetos de Lei que propõem que o tema empreendedorismo seja uma obrigação nos espaços educacionais. Todavia não há clareza sobre a forma como este ensino seria tratado, tampouco possíveis abordagens sobre o tema. O amplo espectro de definições que abrangem o tema em questão dificulta a aceitação da proposta, uma vez que o empreendedorismo pode ser associado exclusivamente à questões comerciais e do mundo do trabalho, fator impeditivo em muitas discussões educacionais que evitam o tema quando o público-alvo são crianças do Ensino Fundamental. Neste ínterim, a Extensão Universitária é um caminho possível para experimentações e aprofundamento das discussões e possibilidades acerca da inserção do ensino de empreendedorismo nas escolas. A partir de ações que vem sendo realizadas pelo Programa de Extensão Universitária XXX Kids, da Universidade XXX, evidencia-se uma abordagem possível que está de acordo com características empreendedoras presentes em constructos que se propõem a mensurar aspectos ou dimensões de um comportamento empreendedor. O empreendedorismo não pode

ser compreendido como um tema unidimensional, e o caráter complexo de sua compreensão, que possibilita diferentes formas de abordá-lo, deve servir como um catalisador de ações possíveis de serem realizadas, que podem de forma muito efetiva e coerente, ser capitaneadas por ações de extensão universitária.

## 6. Referências

BARON, Robert A.; SHANE, Scott A. Empreendedorismo: uma visão do processo. Tradução All Tasks. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

BISPO, M. S.; GODOY, A. S. A etnometodologia enquanto caminho teórico-metodológico para investigação da aprendizagem nas organizações. RAC, Rio de Janeiro, v.16, n.5, art.3, pp.684-704, Set./Out. 2012.

BOLTON, D.L. Individual Entrepreneurial Orientation: Further Investigation of Measurement Instrument, Academy of Entrepreneurship Journal, 2012, Vol. 18. No. 1, pp. 91-98.

BOLTON, Dawn L.; LANE, Michelle D. Individual Entrepreneurial Orientation: Development of a Measurement Instrument Education & Training, 2012, Vol.54(2-3), p.219-233

BORGES, Cândido. Empreendedorismo Sustentável. São Paulo: Saraiva, 2014.

BORGES, M. K.; AVILA, S. L. Modernidade líquida e infâncias na era digital. Caderno de Pesquisa, São Luís, v. 22, n. 1, p. 102-114, mai./ago. 2015

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96. Brasília, 1996, disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm)>. Acessado em 15/05 2018.

BRASIL. Senado Federal. Projeto de Lei do Senado nº 772, de 8 de dezembro de 2015. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/124353>>. Acesso em 22/05/2018

CHIAVENATO, Idalberto. Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor – 4ed. – Barueri, SP: Manole, 2012.

CMF – Câmara Municipal de Florianópolis – Projeto de Lei nº 17023/2017. Disponível em <http://www>

- cmf.sc.gov.br/content/tramita%C3%A7%C3%A3o-pesquisa-avan%C3%A7ada, acessado em 22/05/2018. FEYRABEND, P. *Contra o Método*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.
- FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de Administração*, v. 34, n. 2, p. 05-26, 1999.
- GARFINKEL, H. O que é etnometodologia? In: *Studies in ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press, 1996 [1967]. Cap.1. p.1-341
- GRANOVETTER, Mark S. The strenght of weak ties. *America Journal of Sociology*, Volume 78, Issue 6, p. 1360-1380, May 1973.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. *A nova ciência das organizações*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1989.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. Modelos de homem e teoria administrativa. Mestrado em Administração / Série Monográfica: “Caderno De Ciências Sociais Aplicadas” nº 3. Tradução de Francisco G. Heidemann. PUC/PR, dezembro 2003.
- HARGREAVES, Andy; FINK, Dean. *Liderança Sustentável: Desenvolvendo Gestores da Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- KHUN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- KNIGHT, Frank H. *Risk uncertainty and profit*. Reprints of Economic Classics, Augustus M. Kelley, Bookseller. New York, 1964.
- KRÜGER, Cristiane; MINELLO, Ítalo F. Atitude Empreendedora em discentes de graduação: entre a teoria e a prática. *Revista Alcance – Revista do PPGA/Univali*, v.24, n.2 Abr/Jun, 2017.
- LAZZAROTTI, Fábio et al. Orientação Empreendedora: Um Estudo das Dimensões e sua Relação com Desempenho em Empresas Graduas. *Rev. adm. contemp.* [online]. 2015, vol.19, n.6, pp.673-695
- LE MOIGNE, J-L. O construtivismo em construção In: *Le constructivisme: modeliser pour comprendre*. Paris: L’Harmattan, 2003 (tradução livre por Carolina Andion).
- LIMA, Marcelo Alceu Amoroso. Um breve relato da “1988 Babson College Entrepreneurship Research Conference”. *Rev. adm. empres.*, São Paulo , v. 28, n. 4, p. 49-54, Dec. 1988 . Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901988000400006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901988000400006&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 21 May 2018.
- LOPES, Rose M. A. *Ensino de Empreendedorismo no Brasil: panorama, Tendências e Melhores Práticas / Rose Mary Almeida Lopes [ET. AL.]; organizado por Rose Mary Almeida Lopes – Rio de Janeiro: Alta Books, 2017.*
- MCCLELLAND, D. C. - *A sociedade competitiva: realização e progresso social - Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.*
- MILLER, Danny Miller. The Correlates of Entrepreneurship in Three Types of Firms. *Management Science* 29(7):770-791, 1983. <http://dx.doi.org/10.1287/mnsc.29.7.770>
- MORIN, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 2003.
- MORIN, E. *Ciência com Consciência*. Lisboa: Europa América, 1982.
- OLIVEIRA, S. A.; MONTENEGRO, L.M. Etnometodologia: desvelando a alquimia da vivência cotidiana. *Cad. EBAPE.BR*, v.10, no1, artigo 7, Rio de Janeiro, Mar. 2012 p.129–145.
- OSTERWALDER, Alexander; PIGNEUR, Yves. *Inovação Em Modelos de Negócios – Business Model Generation - ED: Alta Book, Rio de Janeiro, 2011.*
- SCHUMPETER, Joseph A. (1911). *A Teoria do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- SCHUMPETER, Joseph A. *Capitalismo, Socialismo e Democracia*. / (Editado por George Allen e Unwin Ltd., traduzido por Ruy. Jungmann). — Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.
- SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Tradução de Jorge Bastos – Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2013.
- SHANE, S., VENKATARAMAN, S. The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy*

of Management. The Academy of Management Review, 2000.

SOUZA, Gustavo H. S. et al. Entrepreneurial potential and success in business: a study on elements of convergence and explanation. RAM, Rev. Adm. Mackenzie. 2016, vol.17, n.5, pp.188-215.